



Terras  
do Côa

da Malcata ao Reboredo

os valores do Côa

## **Ficha Técnica**

### *Título*

Terras do Côa / da Malcata ao Reboredo  
Os Valores do Côa

### *Promotor e Editor*

Estrela-Côa – Agência de Desenvolvimento Territorial da Guarda

### *Concepção e Coordenação*

Parque Arqueológico Vale do Côa

### *Fotografia e Secretariado*

Centro Nacional de Arte Rupestre

### *Edição co-financiada por*

Programa de Desenvolvimento Integrado do Vale do Côa (PROCÔA)  
Promoção do Potencial de Desenvolvimento Regional (PPDR)

### *Design Gráfico*

José Luís Madeira

### *Execução*

SerSilito - Empresa Gráfica, Lda./Maia

### *Tiragem*

1500 exemplares

### *Depósito legal*

124831/98

### *ISBN*

972-97832-0-9

1998

### *Fotografia da capa*

Gravura rupestre de 1944, Foz do Rego da Vide, Vale do Côa (CNART)

## Terras do Côa Da Malcata ao Reboredo

### COORDENAÇÃO:

Alexandra Cerveira Pinto S. Lima

### FOTOGRAFIA:

Manuel Almeida

### AUTORES:

ALEXANDRA CERVEIRA PINTO S. LIMA

Mestre em Arqueologia (Instituto de Conservação da Natureza, colaboradora do Parque Arqueológico Vale do Côa)

ANA MARGARIDA CARVALHEIRA

Mestre em História de Arte

ANTÓNIO FAUSTINO DE CARVALHO

Mestre em Pré-História e Arqueologia (Parque Arqueológico Vale do Côa)

ANTÓNIO MARTINHO BAPTISTA

Arqueólogo (Director do Centro Nacional de Arte Rupestre)

FERNANDO MAIA PINTO

Arquitecto (Director do Parque Arqueológico Vale do Côa)

FRANCISCO SANDE LEMOS

Doutorado em Pré-história e História da Antiguidade (Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho)

GASPAR MARTINS PEREIRA

Doutorado em História Contemporânea (Professor da Faculdade de Letras da Universidade do Porto; coordenador do Grupo de Estudos Históricos da Viticultura Duriense e do Vinho do Porto - GEHVID)

GONÇALVES GUIMARÃES

Mestre em Arqueologia (Director da Casa Municipal de Cultura/Solar Condes de Resende, V.N.Gaia; assistente convidado da Universidade Portucalense Infante D. Henrique)

HELOÍSA SANTOS

Arqueóloga (investigadora do GEHVID)

ISABEL ALEXANDRA LOPES

Arqueóloga (Casa do Infante/Câmara Municipal do Porto; investigadora do GEHVID)

ISABEL MARIA FERNANDES

Bolseira de Doutoramento do Praxis XXI / Universidade do Minho

JORGE ARGÜELLO

Doutorado em História (pela Univ. de Oviedo) e bolseiro de pós-Doutoramento da *Fundación para el Fomento de la Investigación Científica Aplicada y Técnica del Principado de Asturias*

JORGE FORTUNA

Ecólogo (colaborador do Gabinete Municipal de Arqueologia e História da Câmara Municipal de Matosinhos)

LAURA CASTRO

Mestre em História de Arte (Departamento de Museus e Património da Câmara Municipal do Porto)

MARCOS OSÓRIO

Arqueólogo (Câmara Municipal do Sabugal)

MIGUEL AREOSA RODRIGUES

Mestre em Arqueologia (Instituto Português do Património Arquitectónico/Porto; investigador do GEHVID)

PAULA BARREIRA ABRANCHES

Arqueóloga (investigadora do GEHVID)

PAULO DORDIO

Mestre em Arqueologia (Casa do Infante/Câmara Municipal do Porto; investigador do GEHVID)

RICARDO TEIXEIRA

Mestre em Arqueologia (Casa do Infante/Câmara Municipal do Porto; investigador do GEHVID)

SUSANA COSME

Arqueóloga (Casa do Infante/Câmara Municipal do Porto; investigadora do GEHVID)

SUZANA FARO

Pós-Graduada em Museologia (Responsável pelo Museu da Indústria Têxtil, Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão)

THIERRY AUBRY

Doutorado em Arqueologia (pela Univ. de Bordéus) (Parque Arqueológico Vale do Côa)

# Sumário

Introdução	7	CAPÍTULO III	
CAPÍTULO I		CONSTRUÇÃO E ESPAÇO SAGRADO:	
CENTROS DE POVOAMENTO:		UM PERCURSO PELA ARQUITECTURA RELIGIOSA	
UM PERCURSO PELAS VILAS MEDIEVAIS		Património Religioso Edificado e Arte Sacra.	
Notas de viagem pelas vilas do Riba Côa e algumas vilas no Riba Douro	15	Registo de ocorrências discretas	103
I – Quatro antigas vilas que guardavam o Douro:		<i>O Mosteiro Cisterciense de Santa Maria de Aguiar</i>	117
Freixo de Espada à Cinta, Mós, Urros e Alva	15		
II – No final do século XIII a aldeia de Torre de Moncorvo		CAPÍTULO IV	
substituiu a vila de Santa Cruz da Vilarça	18	SABERES TRADICIONAIS: O BARRO, O FERRO E A SEDA	
III – Vila nova do rei D. Dinis na foz do rio Côa	22	A Olaria	135
IV – Vila Velha de Numão - Um projecto de investigação		– A olaria de Felgar / Larinho	136
arqueológica em curso	24	– A olaria de Santa Comba / Barreira	137
V – Três Comendas Velhas da Ordem de Cristo:		A Olaria de Malhada Sorda	141
Longroiva, Muxagata e Meda	30	O trabalho do ferro	144
VI – Da «cidade» romana dos Aravi à vila medieval e moderna		Olhares sobre a seda nas terras do Côa	151
de Marialva	32		
VII – Da <i>penela</i> alto medieval de «Moraria» à vila fortificada		CAPÍTULO V	
de Moreira de Rei	36	TERRAS DO CÔA: DOMINANDO A PAISAGEM	
VIII – A vila de Trancoso onde D. Dinis festejou as bodas do casamento		Património Natural do Vale do Côa: uma abordagem	163
com D. Isabel de Aragão	38	Senhora do Castelo de Urros	166
IX – Castelo Melhor e Almendra: duas vilas do reino de Leão		Senhora do Castelo da Adeganha	168
que passaram a ser uma só no Reino de Portugal	41	Senhora dos Montes Ermos	170
X – A vila leonesa de Castelo Rodrigo, a vila portuguesa de Pinhel		Marialva	173
e o passo do Côa na Ponte Velha	43	Sabugal Velho	174
XI – A vila medieval de Almeida sob a praça militar de fronteira		Caria Talaia	176
dos séculos XVII e XVIII	51	Sortelha	178
XII – A vila leonesa de Castelo Bom, a vila portuguesa de			
Castelo Mendo e o passo do Côa no Porto de S. Miguel	55	CAPÍTULO VI	
XIII – Duas pontes do Côa no caminho entre três vilas leonesas		TERRAS DO BAIXO CÔA:	
e duas vilas portuguesas	59	PERCURSOS DA INVESTIGAÇÃO ARQUEOLÓGICA	
		As gravuras, a beleza e a liberdade	183
CAPÍTULO II		O povoamento paleolítico da bacia do baixo Côa	184
O APROVEITAMENTO DE RECURSOS E A CONSTRUÇÃO		Do fim do Paleolítico à aquisição da Escrita no Baixo Côa	190
DA PAISAGEM: UM PERCURSO PELAS QUINTAS		A arte do Côa e Alto Douro e o Centro Nacional de Arte	
Apontamentos sobre a Vinha e o Vinho no Douro Superior	77	Rupestre (CNART)	196
O Côa, as quintas e o povoamento romano subjacente	85	Ler na Paisagem Contemporânea Paisagens Medievais e Modernas	202
– As Quintas	85	Das Escavações arqueológicas ao Museu de Sítio da Ervamoira:	
– Quintas, <i>villae</i> e povoamento em época romana	87	um programa global de investigação multidisciplinar	205
– Outras modalidades do povoamento romano	90	Projecto de Investigação Arqueológica do Território do Monte	
– Percursos	92	do Castelo (Almendra)	209



## Capítulo VI

# Terras do Baixo Côa: percursos da investigação arqueológica

**Fernando Maia Pinto**  
**Thierry Aubry**  
**António Faustino de Carvalho**  
**António Martinho Baptista**  
**Alexandra Cerveira Pinto S. Lima**  
**Gonçalves Guimarães**  
**Susana Cosme**

## O POVOAMENTO PALEOLÍTICO DA BACIA DO BAIXO CÔA

### Objectivos

Os estudos sobre o Paleolítico, ou idade da pedra, começaram no século XIX a adquirir um carácter científico. Com a contribuição de outras ciências tem vindo a ser possível precisar as fases da evolução humana e a reconstituição dos modos de vida.

O Paleolítico, fase mais longa da história da humanidade que começa com a aparição do Homem, corresponde a um período em que não há produção de alimentos nem criação de gado. A subsistência era garantida pelas actividades cinegéticas, piscatórias e colectoras.

As primeiras classificações cronológicas, relativas, foram estabelecidas a partir da sobreposição das camadas de sedimentos e dos vestígios das actividades humanas nelas preservadas. Partindo do princípio geológico que um nível mais antigo de ocupação de uma gruta, um abrigo rochoso ou um acampamento de ar livre é normalmente recoberto por camadas mais recentes. Esta primeira fase permitiu a definição de um quadro evolutivo das "indústrias" em pedra e osso conservadas sem poder propor uma escala do tempo. A obtenção de datas absolutas só foi



Fig. 1 – Quartzo hialino e variedades de sílex utilizadas nas jazidas do Paleolítico superior da bacia do Côa. Esta rocha que permite a obtenção de instrumentos de gume afiado e resistente não existe localmente. (Fot. Varela Pecurto)

possível a partir dos anos 1950, baseada na assimilação do carbono pelas plantas e os animais durante a vida. Assim, foi possível datar ossos, carvões vegetais associados numa camada arqueológica a instrumentos em pedras. Estes artefactos, de melhor conservação, autorizam o estabelecimento de uma sequência de evolução da morfologia e técnicas de fabrico dos instrumentos ao longo da história humana que permite determinar, por comparação, a cronologia de sítios onde os vestígios são unicamente líticos e as matérias orgânicas não estão conservadas.

Na região em que se insere a bacia do Côa, os terrenos ácidos não favorecem a conservação de vestígios orgânicos. A datação dos materiais exumados nas escavações em curso é possível recorrendo ao método recente denominado termoluminescência. Este possibilita a datação da acção do fogo sobre pedras.

O quadro cronológico das fases de ocupação da região é tanto mais útil quanto se nos afigura de momento impossível datar directamente as gravuras conservadas nas margens do Côa.

A detecção dos vestígios de ocupação humana do Paleolítico é relativamente fácil nas grutas e abrigos e consiste em escavar sedimentos, por camadas e com recolha dos elementos não naturais na cavidade, para avaliar da existência de ocupação humana. Ao contrário, nas regiões onde as grutas são inexistentes, considerando a multiplicação das hipóteses de espaços potencialmente ocupados, a detecção de sítios não é tão simples. De facto, devido à antiguidade das ocupações, a cobertura de sedimentos é geralmente espessa, situação agravada pelo facto de nos *habitats* serem utilizadas matérias primas putrescíveis (peles, madeira, ...).

Pelas razões evocadas, os estudos sobre as ocupações paleolíticas têm sido preferencialmente executados em áreas onde abundam grutas e abrigos calcários.

A descoberta das gravuras por ocasião das obras da barragem deu início à investigação sobre a ocupação paleolítica desta região. A detecção sistemática passa pela prospeção da superfície dos terrenos com o objectivo de encontrar vestígios de um acampamento enterrado, revolido por lavras ou plantios. Em outros casos, índices topográficos e geológicos deixam supor a conservação de vestígios não remexidos por trabalhos agrícolas. Num caso como no outro, a realização de sondagens permite avaliar a eventual conservação e o interesse científico que justificam o início de uma escavação.

## O ambiente durante o Paleolítico

Durante a maior parte da sua história o Homem não parece ter tido uma grande influência na evolução da fauna e da flora, das quais a sua subsistência dependia directamente. Assim a reconstituição das variações das espécies animais e vegetais informam indirectamente sobre o clima, seja as temperaturas, seja a humidade. A reconstituição dos climas do passado baseia-se em dados obtidos principalmente por geólogos e biólogos.

O estudo geológico dos sedimentos fornece dados sobre o clima vigente durante a época da sua acumulação. Alguns fenómenos que podem ocorrer posteriormente estão eventualmente registados nestas camadas, embora os estudos mais recentes revelem o carácter descontínuo da deposição dos sedimentos e a influência do Homem na acumulação das camadas nos sítios de acampamento.

O estudo das variações da linha da costa, que depende directamente da acumulação de gelo nas zonas polares e circumpolares, mostra que o nível de - 140 metros foi atingido há cerca de 20 000 anos antes do presente. Não é possível reconstituir com rigor as variações mais antigas, todavia, o nível do período de cerca de 30 000 anos parece comparável ao actual. O estudo da repartição dos micro-organismos marinhos, recolhidos em sondagens realizadas no fundo do mar, permite uma reconstituição mais pormenorizada das variações da temperatura da superfície do mar durante o fim do Paleolítico.

Estes dados revelam que o último máximo glacial data de cerca de 20 000 anos antes do presente. Neste período, supomos que as temperaturas eram nitidamente mais frias, com médias negativas durante os meses de inverno. Globalmente, durante o ano, as precipitações seriam menores que as actuais.

O estudo dos restos de vegetais conservados, utilizados em lareiras de sítios do centro de Portugal, reflecte estas características climáticas. Por extrapolação, durante este último máximo glacial, na área da bacia do Côa justapunham-se zonas de vegetação variadas, de espécies temperadas a sub-alpinas, em função das altitudes. Os carvalhais ocupariam as zonas abrigadas de fundo de vale e uma estepe continental cobriria os planaltos de altitude de cerca de 500 metros.

As análises dos restos de faunas, conservados em jazidas de grutas, a latitudes inferiores às da região do Côa, mostram que os animais caçados, durante esta fase mais fria do Paleolítico, eram essencialmente o cavalo, a cabra montês (de tipo pirenaica), o auroque (touro selvagem) e o veado que está representado em mais fracas proporções. A partir desta constatação e da fauna representada nas diversas fases das gravuras, é verosímil que a região do Côa tenha sido ocupada pelas mesmas espécies animais, repartidas nas diversas zonas ecológicas em função da geologia, das altitudes compreendidas entre 130 e 600 metros no troço final do Vale do Côa. Esta variedade dos nichos ecológicos numa área geográfica relativamente reduzida, sugerida pela amplitude do encaixe da rede hidrográfica, pode ser considerada como uma possível explicação para a ocupação por grupos de caçadores durante diversas fases do Paleolítico.

A cabra montês, que não está adaptada às temperaturas elevadas vigentes actualmente na região do Côa, pode ser observada actualmente

nos relevos mais altos da Península Ibérica. Esta espécie devia ocupar os terrenos rochosos inclinados, com falésias de xisto e granito, junto às margens do Côa. O cavalo e o auroque são duas espécies características de espaços abertos que preferiam as estepes dos planaltos. O veado é uma espécie adaptada às florestas que deviam neste período mais frio desenvolver-se preferencialmente nas zonas baixas de altitude de cerca de 150 metros, mais protegidas, de fundo de vale.

Durante a fase mais fria, o glaciário acumulado sobretudo na vertente sul da Serra de Estrela devia ter o seu volume máximo e a rede hidrográfica estava no nível mais baixo de erosão das rochas. A consequência na hidrologia desta reserva de água na forma de gelo em altitude permite supor que o Côa, assim como outros afluentes da margem direita do Douro, tinha um regime anual mais regular que o actual.

### As fases do povoamento Paleolítico



Fig. 2 – Pontas em sílex de morfologia característica do período Solutrense (20 000-18 000 anos antes do presente) provenientes de uma ocupação do planalto de Almendra. Armavam cabos de madeira que não se conservaram.

O povoamento da região é muito mais antigo que o Paleolítico superior, período de realização das gravuras. A descoberta de instrumentos fabricados a partir de seixos de quartzo ou quartzito de técnicas de fabrico simples testemunha uma presença humana na margens do vale do Douro. O material identificado é constituído por seixos com levantamentos uni ou bilaterais, machados ou bifaces. Este tipo de instrumentos, frequente nas jazidas africanas associado aos primeiros homens, foi fabricado aproximadamente até cerca de 100 000 anos antes do presente. Infelizmente, não há meio físico directo de datação absoluta destes instrumentos em pedra. A atribuição cronológica destes materiais, baseia-se em comparações com objectos provenientes de sítios datados e em argumentos geológicos. De facto, artefactos desta tipologia foram recolhidos em formações aluviais localizadas a cotas de aproximadamente 30/40 metros do nível actual, que correspondem a um nível antigo, mais alto do rio, antes do encaixe ainda em curso da rede hidrográfica. Algumas peças estão roladas e a cronologia do abandono nas margens do Douro é contemporânea da deposição dos aluviões enquanto o rio estava nitidamente mais alto e as cheias depositavam os seixos visíveis nos terraços actualmente suspensos.

Nestas condições, a topografia actual pouco tem a ver com a vigente durante a exploração da região pelos primeiros grupos de caçadores, de cronologia estimada entre 300 000 e 100 000 anos, por comparação com os dados obtidos por M. Santoja na parte adjacente da bacia do Douro no território actualmente espanhol. Além disso, as condições geológicas de conservação dos vestígios e os processos de deslocação e selecção dos materiais em aluviões não permite uma reconstituição dos tipos de acampamentos e ainda menos dos modos de caça, do tratamento dos alimentos, etc.

As indústrias ditas do Paleolítico médio, fabricadas pelo Homem de Neandertal, não foram ainda significativamente atestadas nesta região da bacia do Côa. Os únicos indícios que parecem evidenciar uma presença humana no período compreendido entre 100 000 e 30 000 anos antes do presente, são lascas em pedra obtidas segundo um método denominado levallois (o primeiro sítio onde foi descrito este processo de fabrico). Descobertos na superfície e em escavação, concentram-se junto a um afloramento de riolite que corta as outras formações geológicas da região, na direcção Este /Oeste. Este tipo de rocha, que corresponde petrograficamente a um granito de grão fino, permite a lascagem. A técnica levallois utilizada desde a aparição

do Homem e ao longo de toda a Pré-história, (ainda recentemente para o fabrico de pederneiras de espingardas) requer uma rocha homogénea, sem clivagem (planos e fracturas pré-estabelecidas na rocha) de grão fino, que proporcione a boa difusão das ondas, na direcção escolhida a partir da energia transmitida por um percutor (um martelo natural constituído por uma pedra, um fragmento de madeira ou de osso).

No caso dos sítios que podem ser atribuídos ao Paleolítico médio, a riolite foi procurada porque as rochas que permitem a obtenção de gume cortante e resistente após fractura, chamada boa aptidão à lascagem, são raras na região do Côa. De facto o xisto e o granito não se fragmentam assim. Outras rochas disponíveis localmente, como o quartzito e variedades de quartzo foram utilizadas ao longo do Paleolítico e da Pré-história recente,

O homem moderno, associado às indústrias do período chamado Paleolítico superior, deixou uma maior densidade de vestígios de ocupação ao longo do Côa, do Douro e da Ribeira de Aguiar. O tipo humano associado é o *Homo sapiens sapiens* a quem se atribui a invenção da arte. A inovação principal na evolução dos instrumentos é o desenvolvimento de pontas e armaduras em pedras de pequenas dimensões (geralmente de menos de 4 cm de comprimento) que por colagem e montagem em hastes de madeira ou osso permitem uma economia das matérias primas e uma maior eficácia dos projecteis. No fabrico destes instrumentos o sílex, rocha formada nos calcários ideal para a obtenção de gumes afiados e resistentes, foi preferencialmente seleccionado (fig. 1). Esta rocha que não existe localmente na bacia do Côa foi utilizada em associação com variedades locais de rochas das famílias do quartzo, micro-quartzito e opala.

Este sistema de aprovisionamento em rochas provenientes de outras regiões marca uma diferenciação nítida com os grupos precedentes que exploraram a região e com os produtores que a ocupam a partir do Neolítico antigo. A utilização de rochas não locais testemunhadas na forma de utensílios ou de blocos de matéria prima, demonstra a existência de uma rede de difusão, seja esta explicável por trocas entre grupos humanos de regiões próximas ou seja por deslocação de reservas de matérias primas por parte de alguns elementos do grupo que exploravam uma outra região ao longo do ano.

A periodização das "culturas" do Paleolítico superior é unicamente baseada sobre a sucessão dos instrumentos conservados em pedra e osso. Este quadro segue um mesmo esquema com algumas variações na totalidade do Sudoeste da Europa. As fases foram definidas a partir das primeiras sequências escavadas, já no fim do século XIX, em sítios da região franco-cantábrica e denominadas em função dos primeiros sítios descobertos e escolhidos como referência.

Neste esquema, a primeira ocupação documentada por grupos do Paleolítico superior na região do Côa, inicia-se com o Gravettense, cultura de cronologia compreendida entre 27 000 e 22 000 anos antes do presente, definida a partir da suas armaduras denominadas gravettes ou micro-gravettes, fabricadas sobre lamelas ou lâminas e modificadas por retoque num bordo. Ocupações ricas em vestígios, atribuíveis a esta fase, foram encontradas no sítio da Olga Grande 4 localizada nas proximidades de Almendra. O sílex está representado em pequena quantidade, o material é fabricado sobre cristais de rocha não locais. Fragmentos

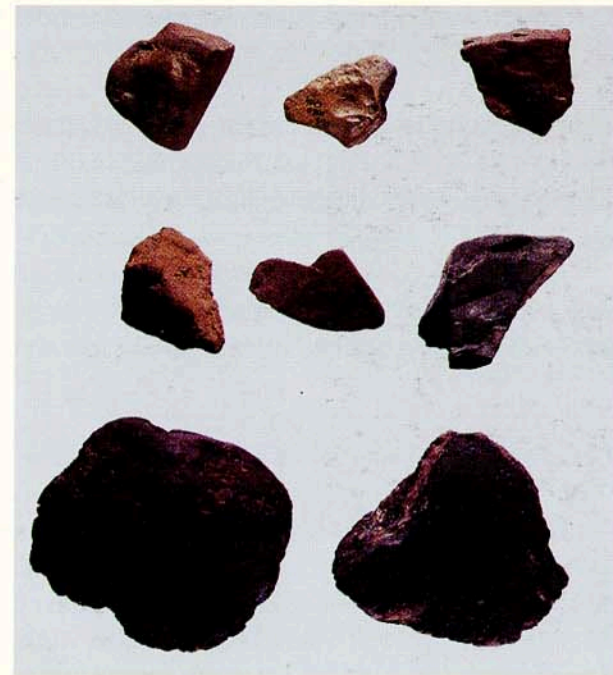


Fig. 3 – Fragmentos de rochas fráveis de diversas cores com traços de raspagem para a obtenção de pó de usos diversos, provenientes de acampamentos utilizados durante o período gravettense (27 000-22 000 anos antes do presente). (Fot. V. Pecurto)



Fig. 4 – Lareira encontrada num acampamento gravettense do planalto de Almendra, conservado a cerca de 80 centímetros de profundidade. Os fragmentos de quartzo e quartzito deviam servir como acumuladores do calor produzido por elementos vegetais não conservados. (Fot. T. Aubry)

16 000 e 10 000 anos antes do presente na Península Ibérica, estão documentadas em seis pontos das bacias do Côa, da Ribeira de Aguiar e do Douro. Em cada uma destas jazidas é possível identificar uma ocupação atribuível à fase terminal do Magdalenense. Embora a tendência para o aquecimento do clima se verifique desde do início do Magdalenense, é em torno de 10 000 anos antes do presente que ocorre um episódio mais frio que parece corresponder a uma maior densidade de ocupação do território.

Um dos indícios que permite identificar o aquecimento que marca o fim do máximo glacial é o reaparecimento de faunas temperadas, como por exemplo o veado, nos vestígios exumados em grutas no centro de Portugal. Uma simples leitura estratigráfica (entende-se das sobreposições das gravuras do Côa) revela que as representações de veado são mais frequentes nas fases mais recentes de gravação.

### O sistema de povoamento e a exploração dos recursos naturais

Mais difícil que esta periodização da ocupação humana da região é a reconstituição da vida do quotidiano e ao longo das estações dos grupos humanos do Paleolítico superior. Na realidade, a dificuldade de avaliação do tempo é o maior problema da arqueologia, seja para julgar da contemporaneidade de diversos sítios, seja para avaliar a continuidade de ocupação do território e, sobretudo, do tempo de formação dos sítios estudados. Se a análise do material permite pôr em relação alguns objectos, resta a dificuldade em estabelecer a modalidade de abandono de artefactos que agora estão numa mesma camada. A deposição pode corresponder a uma única fase de ocupação, num período de acampamento durante alguns meses ou a pequenos acampamentos anuais, sucessivos ao longo de séculos, num mesmo lugar. Do mesmo modo a estimativa do número de indivíduos que frequenta um acampamento é hipotética.

Nesta condição, o estudo dos tipos de utensílios, do aproveitamento dos recursos líticos de um território e a deslocação de utensílios ou

raspados de corantes de várias cores estão associados (fig. 3). Estes podem estar ligados a representações artísticas que não se conservaram nas paredes graníticas, ou, como foi demonstrado experimentalmente, o pó obtido por raspagem pode ter uma utilidade no tratamento das peles de animais, ou entrar como elemento de coloração e de emulsão de colas fabricadas a partir de elementos naturais (resina, cera, ...)

A fase final deste período, caracterizada por armadura de morfologia especial, está bem representada nos sítios de Cardina I (Santa Comba, Vila Nova de Foz Côa) e Insula II (Algodres, Figueira de Castelo Rodrigo).

O Solutrense, período caracterizado pela utilização de pontas líticas, conhecido unicamente em França, Espanha e Portugal, está documentado em dois sítios: na Cardina I e na Olga Grande. Neste último foram encontradas pontas crenadas (de pedúnculo assimétrico) características do período cronológico datado por carbono 14 em sítios onde a matéria orgânica está conservada, de idade compreendida entre 19 500 e 18 500 anos antes do presente (fig. 2).

Diversas fases do Magdalenense, de cronologia compreendida entre

matérias-primas, a conservação de estruturas ligadas a actividades, constituem dados particularmente interessantes para reconstituir os modos de vida e as modalidades de utilização do território por grupos de caçadores das diversas fases do Paleolítico. Actualmente as estruturas conservadas evidenciadas nos acampamentos são constituídas por: agrupamentos de pedra com indícios de aquecimento, utilizadas para lareiras (fig. 4), ou pavimentos destinados a preparar acampamentos, provavelmente destinados a isolar da humidade.

Todavia, a repartição dos sítios pode evoluir rapidamente em função das descobertas. Desde já, esta mostra uma utilização de nichos ecológicos variados e não só os fundos de vale conhecidos por preservar vestígios de arte.

Os esquemas de povoamento que podemos propor baseiam-se em dados etnológicos observados em grupos de caçadores actuais e na reconstituição da localização dos recursos durante o Paleolítico. De facto, nas sociedades de caçadores colectores observa-se um conjunto de comportamentos comuns que são provavelmente extrapoláveis às sociedades do Paleolítico. Os vestígios de habitat encontrados sugerem uma vida nómada baseada na exploração dos recursos de diversos nichos ecológicos com diferenças sensíveis em quantidade de água e variedade de fauna em função da altitude. Desde já, dois tipos de nichos ecológicos parecem ter sido utilizados pelas comunidades de caçadores do Paleolítico: em sítios localizados em fundo de vale e ocupações do planalto ao longo de actuais linhas de água. Embora, qualquer que seja a cronologia ao longo do Paleolítico superior, os vestígios de um e de outros sejam substancialmente diferentes. Enquanto que nos acampamentos localizados nas proximidades dos cursos principais de água as indústrias sejam mais ricas e uma larga gama de tipos de utensílios estejam representados, nos sítios de planalto as armaduras ligadas às actividades cinegéticas são maioritárias. Esta constante sugere a realização de actividades especializadas ligadas aos recursos dos planaltos. Do ponto de vista da composição em matérias primas líticas, as indústrias exumadas em ambos os tipos de sítios revelam: a presença sistemática, em pequena quantidade, de sílex proveniente de regiões distantes de mais de 150 quilómetros associado a um bom conhecimento e à circulação das diversas matérias-primas locais (fig. 1).

Estes dados, especialmente a utilização das mesmas variedades de sílex entre o Gravettense e o Magdalenense associadas a uma maioria de matérias-primas locais, levam-nos a pensar que a região (os diversos afluentes da margem esquerda do Douro) foi permanentemente habitada por um grupo de caçadores, nas diversas fases do Paleolítico superior sem que seja ainda possível precisar as modalidades anuais de exploração dos recursos disponíveis nos diversos biótopos do território. De facto, não dispomos de dados suficientes para definir se, a exploração dos planaltos correspondia a acampamentos de estação diferente ou especializados contemporâneos dos sítios de fundo de vale, a exploração dos recursos das diversas bacias dos afluentes do Douro fazia-se de maneira alternada por um mesmo grupo ou por fracção dum mesmo grupo que se juntava temporariamente em certos momentos de abundância de recursos durante o ano.

Esta proposta de permanência de um grupo populacional num longo período de tempo do Paleolítico superior opõe-se a uma teoria de exploração esporádica por grupos vindos de outras regiões onde o sílex existe naturalmente como a zona da bacia do alto Douro, do Mondego ou do Tejo. Esta permanência de um grupo humano pode assim explicar em parte uma "tradição" de representação de certas espécies animais e das proporções das figurações ao longo do tempo, independentemente das variações das convenções estilísticas que devem corresponder a diversas "culturas" do Paleolítico superior. De facto, o contacto com populações de outras zonas geográficas é um dado adquirido entre outros critérios pela utilização destas convenções artísticas utilizadas por grupos de caçadores das regiões franco-cantábricas bem como a presença de sílices provenientes de calcários do centro de Portugal e do interior da Península Ibérica.

É na tentativa de explicação das modalidades de difusão de objectos e das ideias e comportamentos destas populações de caçadores do Paleolítico que reside o principal desafio das investigações futuras.